

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar

Ernani Soares Lacaille Caldas

**O ENSINO-APRENDIZAGEM PARA A EDUCAÇÃO DE
JOVENS ADULTOS E IDOSOS NA PERIFERIA DE SÃO
GONÇALO (RJ): PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS
PENSADAS A PARTIR DAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS
LOCAIS**

Rio de Janeiro
2024



Ernani Soares Lacaille Caldas

**O ENSINO-APRENDIZAGEM PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS E
IDOSOS NA PERIFERIA DE SÃO GONÇALO (RJ): PROPOSIÇÕES
METODOLÓGICAS PENSADAS A PARTIR DAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS
LOCAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Orientador Professor: Dr. Demian Garcia Castro
Coorientadora Professora: Dra. Stella Mendes
Ferreira.

Rio de Janeiro
2024

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C145 Caldas, Ernani Soares Lacaille

O ensino-aprendizagem para a educação de jovens adultos e idosos na periferia de São Gonçalo (RJ) : proposições metodológicas pensadas a partir das condições geográficas locais / Ernani Soares Lacaille Caldas. – Rio de Janeiro, 2024.

28 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Demian Garcia Castro.

Coorientador: Stella Mendes Ferreira.

1. Geografia (Ensino fundamental) – Estudo e ensino. 2. Educação de jovens e adultos (EJA). 3. Idosos – Educação. 4. Geografia - Currículos. 5. Ensino - Metodologia. 6. Aprendizagem – Metodologia. 7. São Gonçalo (RJ). I. Castro, Demian Garcia. II. Ferreira, Stella Mendes. III. Colégio Pedro II. IV. Título.

CDD 910

Ernani Soares Lacaille Caldas

**O ENSINO-APRENDIZAGEM PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS E
IDOSOS NA PERIFERIA DE SÃO GONÇALO (RJ): PROPOSIÇÕES
METODOLÓGICAS PENSADAS A PARTIR DAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS
LOCAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Geografia, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Teorias e Práticas da Geografia Escolar.

Aprovado em: 30/04/2024.

Banca Examinadora:

Dr. Demian Garcia Castro (Orientador)
Colégio Pedro II / TPGE

Dra. Stella Mendes Ferreira (Orientadora)
Colégio Pedro II / TPGE

Dr. Marcus Vinicius Silva Gomes
Colégio Pedro II / TPGE (Membro Interno)

Ma. Lívia Vargas de Souza
Colégio Pedro II (Membro Externo)

Rio de Janeiro
2024

O ENSINO-APRENDIZAGEM PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS E IDOSOS NA PERIFERIA DE SÃO GONÇALO (RJ): PROPOSIÇÕES METODOLÓGICAS PENSADAS A PARTIR DAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS LOCAIS

Ernani Soares Lacaille Caldas

Resumo: O objetivo do artigo é discutir possibilidades de se ensinar os conteúdos obrigatórios do currículo oficial da educação de jovens e adultos do município, baseando-se nas necessidades reais dos alunos e nas condições geográficas locais que influenciam diretamente suas vidas. O município de São Gonçalo possui uma das maiores ofertas de ensino básico público da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, mas isso não se reflete em investimentos proporcionais à sua importância na área da educação. Quando analisamos a educação de jovens, adultos e idosos da cidade, vemos um descompasso ainda maior no que tange às muitas responsabilidades didático-pedagógicas para com esse perfil de alunado. A realidade de ensino de geografia para essas pessoas é baseada, principalmente, na memorização textual de determinados conteúdos, os livros didáticos são antigos e defasados e há uma limitação de recursos didáticos-pedagógicos à disposição, tornando as aulas, muitas vezes, maçante e de difícil entendimento daquilo que está sendo conversado em sala. Há uma grande discrepância etária entre os alunos, frequência irregular nas aulas, dificuldades de leitura e escrita, além de inúmeros problemas inerentes às condições socioeconômicas que um local periférico e desassistido de políticas sociais proporciona. Tudo isso nos faz pensar em como utilizar nosso tempo de aula no intuito de que nossos discentes tenham uma aprendizagem significativa daquilo que lecionamos. Analisamos com que propósito são construídos e articulados os currículos da educação básica brasileira e como tirar o melhor proveito dele. Infelizmente nossos alunos são muito pouco ouvidos nos lugares que costumam estar cotidianamente, inclusive na escola. Elencamos metodologias de ensino-aprendizagem ativas comprometidas justamente para dar protagonismo e significância às vivências dessas pessoas, se preocupando com as variadas necessidades cognitivas que um ambiente composto por jovens, adultos e idosos proporciona. O intuito do artigo é que nossos alunos entendam, a partir do pensamento e do raciocínio geográfico - explorado em sala de aula - para que se tenha o entendimento mais próximo da realidade do local ao qual vive, entendendo o porquê através também da lógica espacial, das origens dos muitos problemas socioeconômicos e ambientais que assolam a população gonçalense.

palavras-chave: currículo de geografia; metodologias de ensino-aprendizagem; educação de jovens, adultos e idosos; são gonçalo (rj).

TEACHING-LEARNING FOR THE EDUCATION OF YOUNG ADULTS AND ELDERLY PEOPLE IN THE PERIPHERY OF SÃO GONÇALO (RJ): METHODOLOGICAL PROPOSITIONS CONSIDERED FROM THE LOCAL GEOGRAPHIC CONDITIONS

Abstract: The objective of the article is to discuss possibilities for teaching the mandatory content of the municipality's official youth and adult education curriculum, based on the real needs of students and the local geographic conditions that directly influence their lives. The municipality of São Gonçalo has one of the largest public basic education offerings in the metropolitan region of the state of Rio de Janeiro, but this is not reflected in investments proportionate to its importance in the area of education. When we analyze the education of young people, adults and elderly people in the city, we see an even greater gap in terms of the many didactic-pedagogical responsibilities towards this student profile. The reality of teaching geography to these people is based mainly on the textual memorization of certain contents, the textbooks are old and out of date and there is a limitation of didactic-pedagogical resources available, making classes often boring and difficult to understand what is being discussed in class. There is a large age discrepancy among students, irregular attendance in classes, reading and writing difficulties, in addition to numerous problems inherent to the socioeconomic conditions that a peripheral location unassisted by social policies provides. All of this makes us think about how to use our class time so that our students have significant learning from what we teach. We analyze the purpose for which Brazilian basic education curricula are constructed and articulated and how to make the most of them. Unfortunately, our students are rarely heard in the places they are used to being on a daily basis, including at school. We list active teaching-learning methodologies committed precisely to giving protagonism and significance to the experiences of these people, worrying about the varied cognitive needs that an environment made up of young people, adults and elderly people provides. The aim of the article is for our students to understand, based on geographical thinking and reasoning - explored in the classroom - so that they have a closer understanding of the reality of the place they live in, understanding why also through spatial logic, of the origins of the many socioeconomic and environmental problems that plague the population of São Gonçalo (RJ).

keywords: geography curriculum; teaching-learning methodologies; education for young people, adults and the elderly; são gonçalo (rj).

1 INTRODUÇÃO

Sempre antes de entrar numa turma de ensino de jovens adultos e idosos (EJA) fico pensando em quem estará presente e como será a aula. Digo isso pois é comum haver uma rotatividade grande entre alunos nas aulas ao longo do ano. Muitos saem no começo dos semestres e outros faltam com frequência ao longo da semana. Os motivos são diversos, indo de pouco tempo hábil para se deslocar do trabalho à escola, até a não liberação de passagens de ônibus pela prefeitura para se deslocar aos estudos. Esses são alguns dos muitos exemplos de como um cotidiano árduo - vivido por pessoas que sofrem com problemas econômicos e injustiças sociais - impacta diretamente em nossos encontros em sala de aula, em ter uma continuidade daquilo que é abordado. O modo como o professor costumeiramente lida com conteúdos ao longo das últimas décadas é pensado a partir de uma lógica na qual, para aprender o que está sendo proposto, é necessário antes ter adquirido certos conhecimentos que serão importantes para o objetivo a ser alcançado. Partindo desse princípio, no qual o conhecimento de um fato novo pode ser facilitado quando o aluno, em tese, possuir o domínio prévio de determinados saberes necessários para a construção do que está por vir, constatamos que esse processo de lidar com o ensino-aprendizagem na EJA é prejudicado em diversos âmbitos, o que nos instiga a pensar sobre a questão.

Como ensinar os conteúdos obrigatórios do currículo de um modo que os alunos tirem proveito minimamente de algo? As questões locais merecem ter destaque no currículo? Pensando nisso e na pertinente busca de estratégias para ensinar e motivar quem está disposto a aprender, propomos ensinar conteúdos que se mostram extremamente pertinentes para esses jovens, adultos e idosos, evidenciados pelas condições geográficas de onde essas turmas estão inseridas a partir de metodologias ativas de ensino, fomentando a prática do raciocínio geográfico nos discentes como forma de pensar, sobretudo, para o entendimento e resolução de problemas do cotidiano. O desenvolvimento deste trabalho acadêmico parte primeiramente de discussões em torno de como os currículos são costumeiramente construídos, quem são os atores sociais envolvidos nessa ação e salientar a importância de legitimar saberes produzidos no ambiente escolar por alunos, docentes e todos os demais que compõem a instituição de ensino. Veremos que os conteúdos obrigatórios de Geografia para o segundo segmento do ensino fundamental da EJA são poucos e bem generalizados e como podemos utilizá-los da melhor forma, dando significância para o ensino-aprendizagem dos alunos. O artigo tem como objetivo debater as possibilidades de se tratar determinados conteúdos com pessoas que possuem diversas dificuldades, que não só vão no âmbito econômico como também transitam por outras nuances que perpassam muitas vezes o campo físico do corpo. Tendo isso em mente, buscamos fomentar o raciocínio geográfico dos estudantes a partir dos conteúdos que ensinamos, numa relação de construção conjunta entre professor e aluno naquilo que é proposto e construído em sala de aula. O raciocínio geográfico é munido de algumas faculdades mentais e cognitivas que dialogam com dimensões e ferramentas do conhecimento que são destacadamente característicos da geografia. Cabe a mim incentivar os alunos a explorar esse tipo de cognição, dentre as quais podemos destacar a habilidade de pensar espacialmente e ter uma noção espacial de tudo aquilo compõe o bairro em que vivem.

Na seção em que transcorremos sobre o currículo, enriquecemos a pauta recuperando as palavras de Miguel Arroyo (2013), o qual propõe que o currículo é um espaço de confronto, um território de disputa de hegemonia de ideias, onde política, economia e relações de poder assumem um protagonismo na tomada de decisões naquilo que é classificado como um conteúdo escolar obrigatório. A partir de experiências vividas em sala de aula, propõe-se refletir sobre o sentido daquilo que é abordado em sala de aula, de qual forma podemos contribuir para que os conteúdos obrigatórios sejam úteis nos afazeres diários dos alunos, salientando a importância de saberes historicamente relacionados à geografia

escolar como vegetação, fauna, clima, hidrografia, relevo, economia, política e população para analisar/pensar espacialmente e geograficamente tudo aquilo que impacta direta e indiretamente suas vidas.

O artigo foi elaborado a partir das vivências escolares em uma escola pública do bairro do Engenho Pequeno, ao qual está sob responsabilidade da rede municipal de ensino de São Gonçalo(RJ). Pensando a partir disso nas possibilidades de usar o currículo vigente no ensino fundamental público local a nosso favor para o melhor que ele nos pode proporcionar em termos de conteúdo, tendo como foco o cotidiano do aluno, tirando real proveito do que foi abordado em sala. Num contexto em que é notório a queda da oferta do número de turmas de EJA (SERRA; VENTURA; ALVARENGA; REGUERA, 2018), o município de São Gonçalo, que é foco para se pensar este artigo, não foge à regra. Hoje 19 unidades escolares contemplam essa modalidade de ensino (anexo 2), mas as ameaças de fechamento de turmas nos corredores das escolas são constantes. São Gonçalo (anexo 3), vale destacar, é um dos mais populosos municípios do estado do Rio de Janeiro, com uma população de 896.744 pessoas e que sofreu uma debandada de um pouco mais de 100 mil moradores nos últimos 12 anos se deslocando, sobretudo, para Maricá e Rio das Ostras, cidades que mais cresceram em termos populacionais neste mesmo período (IBGE, 2022). Os motivos para esses deslocamentos são a falta de perspectiva do gonçalense ascender socialmente e economicamente, muitos empregos informais de péssima qualidade para o trabalhador local, poucos empregos de qualidade, estabilidade e de boa remuneração, além de uma precária oferta de serviços básicos ofertados pelo município, estado e governo federal. O fato mais importante a se destacar de São Gonçalo para este artigo é o fato de o local possuir uma das maiores ofertas de ensino básico público do estado e que, infelizmente, oferece condições ruins de trabalho para o professor e para o alunado, com estruturas precárias para a realização dos afazeres escolares. Antes de mais nada, o que pretendemos é legitimar e afirmar ainda mais nossa atuação como docentes para este segmento educacional, que é composto por uma parcela populacional que é pouco ouvida e muito desassistida pelos poderes públicos. Ao lidar com o currículo, o ensino e a seleção dos conteúdos como estamos propondo, ressaltamos nossa preocupação com os alunos em valer a pena seus esforços diários em estar presentes na escola. Ênio Serra (2014,2018,2020), que pesquisa com excelência há anos o ensino de geografia e a educação que envolve os jovens e adultos é uma figura muito importante para enriquecer as discussões acerca do currículo. Tanto ele como Arroyo (2013) salientam que esses currículos são feitos por pessoas que possivelmente nunca estiveram ou presenciaram um ambiente escolar, e que no fim, o intuito é que os conteúdos sejam consumidos de forma rasa e rápida. Depois, como método de avaliação final, são elaboradas provas tendo o intuito de que seja colocado/recortado trechos dos conteúdos que, em tese, são os mais importantes e por isso devem ser decorados. Uma avaliação de uma turma de EJA, no fim, não passa de um trabalho onde se prima por realizar um esforço em passar aquilo que está no foco da atenção de suas mentes através do processo de escrita. Quem fizer isso com maior perfeição é aquele classificado como inteligente, pronto para a vida que existe após a vida escolar (SERRA, 2014).

Num segundo momento do desenvolvimento do artigo vamos discutir possibilidades de quais conteúdos ensinar e como podemos fazer isso, tendo como norte metodologias de ensino-aprendizagem que colocam como protagonistas o aluno e suas vivências como elementos de significância na construção de um entendimento do objeto geográfico a ser estudado. Daremos destaque em como a qualidade com que algo é aprendido é muito mais importante do que a quantidade de informações, onde a evolução de um aluno em relação às dificuldades que se possa ter para aprender determinado conteúdo é mais positiva do que simplesmente apresentá-lo a uma enxurrada de informações. O modo de aprender tradicionalmente aplicado na maioria das turmas de EJA é aquele pautado no acúmulo de

informações de um modo linear, onde o começo dessas informações são mais simplificados e à medida que os alunos vão decorando essas informações simples, eles estão aptos a receber informações mais complexas e quem aprende mais rápido é classificado como mais inteligente (SCHNEIDER, 2020). Partimos da pertinência em trabalhar a questão da aprendizagem como a assimilação de algo novo, algo que a pessoa não tinha noção do conhecimento ou da existência, e que irá reverberar no modo de pensar ou de agir. Entender o perfil etário variado do alunado, toda dificuldade de aprendizagem proveniente de anos longe da escola, do hábito de estudar e deficiências na leitura e na escrita, são demandas extremamente pertinentes para discutirmos alternativas de trabalhar os conteúdos obrigatórios de modo que essas pessoas não sejam meras receptoras de informações desconexas e distantes daquilo que conhecem do mundo. Para isso, elucidamos como a paisagem se torna um conceito e uma ferramenta de importância substancial na construção do aprendizado de diversos conteúdos e objetos de estudos geográficos. Para aprofundarmos nessas contribuições metodológicas, em lidar e mediar vidas bastantes distintas, escolhemos as ideias e contribuições de Lana de Souza Cavalcanti (1998, 2022) e Sonia Maria Schneider (2020) envolvidas para a construção do conhecimento geográfico de jovens, adultos e idosos.

Outro ponto crucial e que finaliza esta pesquisa é como caminhar em nossas discussões geográficas, buscando constantemente nesse diálogo entre professor e aluno a potencialização do raciocínio geográfico, da habilidade de espacializar fenômenos e todas as possibilidades de manifestação, materialização que irão se configurar em uma lógica de como as coisas estão dispostas no espaço geográfico. Quando não se faz um esforço para conhecer quem é o público que compõe suas turmas, surgem dificuldades em atrair os alunos para participar, conversar e realizar as tarefas das aulas, justamente pelo fato daquilo não ter nenhuma proximidade com seus cotidianos, não tendo nada que os chamem a atenção. Esclarecemos como o ato de saber quem é quem e de onde vieram nos auxilia a construir uma aula com mais interação em sala de aula, onde cada dia é um dia, com acontecimentos que muitas vezes só serão lembrados ou terão alguma importância naquele dia. Eles sempre trarão assuntos para sala de aula, seja falando diretamente com o professor, ou falando entre si, nos grupos que naturalmente se formam em uma turma. Vamos elencar como é importante o professor ter a sagacidade de tirar dali questionamentos voltados para a perspectiva geográfica, em que todo objeto de estudo tido como pertinente de se questionar é feito um esforço de se pensar geograficamente direcionando para algum tema, ferramenta ou conceito utilizados nessa ciência, em busca de uma aula proveitosa para todos os envolvidos. Trazemos para o debate acerca desse tema as palavras de Paulo Cesar Gomes da Costa (2017), o trabalho conjunto de Sonia Maria Vanzella Castellar e Ronaldo Goulart Duarte (2022), Vitor Scalercio (2018) e Lana Cavalcanti (1998, 2022) abarcando questões extremamente pertinentes no sentido de condicionar nossas práticas de ensino por meio de metodologias ativas que propiciem ao aluno, acima de tudo, conseguir raciocinar pelos meios que só a ciência geográfica proporciona, a fim de auxiliá-los, sobretudo, na tomada de decisões e também sobre como se portar perante uma sociedade pautada na desigualdade social, racial e ambiental. Este artigo é um espaço em que materializamos por meio de palavras uma luta para se fazer uma educação voltada para que realmente importa para a vida dessas pessoas, seguindo um caminho pautado no fomento do exercício de entendimento e leitura da espacialização de todos os tipos de fenômenos passíveis e de base material e imaterial que se manifesta pela sociedade de diferentes formas e modos no espaço geográfico.

2 CURRÍCULO DA EJA DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO (RJ) - CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÕES

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) possui um forte caráter de ensino supletivo e isso vem de muitos anos, com destaque para o período de meados da década de 80 até o final da década de 90. A EJA tem sido costumeiramente sistematizada em agrupamentos genéricos de determinados conteúdos em ciclos, de modo que esses conteúdos geográficos selecionados são comprimidos e encurtados para que o aluno possa concluir duas séries do ensino fundamental em apenas um ano (SERRA, 2014). Serra destaca as ideias de Rummert e Ciavatta (2010), em que a marca social da escola é baseada na cultura do mínimo ofertada para as classes marginalizadas e periféricas¹.

A construção do currículo da EJA é pautada por um grande resumo dos conteúdos, os quais foram escolhidos para serem obrigatórios a esse determinado grupo de estudantes com foco em temas que estejam alinhados ao mundo do trabalho ao qual essas pessoas teoricamente se inserirão, num futuro pós conclusão dos estudos. À época em que esses conteúdos obrigatórios da EJA foram escolhidos, também era uma outra época nas relações sociais, políticas econômicas, que se refletiam nos postos e ofertas de trabalho. O modo fordista de trabalho, que foi muito presente em todo o século XX nas grandes cidades brasileiras, pautou muito o modo de vida das pessoas em todas as áreas. Sendo assim, o modo de como a escola, no geral, se configurava - em termos de espaço físico e modo de execução de uma aula - também possuíam fortes influências nesse modelo de reprodução industrial de escala (RUMMERT, 2019; SERRA, 2014). Trazendo novamente as contribuições de Serra, Rummert e Ciavatta (2020), esses pesquisadores salientam que a EJA é estruturada na perspectiva da formação rápida e superficial, voltada para a produção de mão de obra para o mundo empresarial, sendo o trabalhador estudante apropriado para a acumulação flexível do capital (RUMMERT; CIAVATTA, 2010 apud SERRA, 2020).

Antes de entrar propriamente nas discussões, no que tange sua trajetória, atores envolvidos e as ideias que permeiam esse objeto de estudo do campo da educação, é importante e necessário analisar o currículo de Geografia oficial e obrigatório listado no “Programa Único de Funcionamento da Educação de Jovens e Adultos - 2º segmento da rede pública de ensino do município de São Gonçalo”, datado de Novembro de 2005, a fim de analisarmos e entendermos como o município enxerga a Geografia e o seu ensino nas escolas públicas locais para podermos embasar nossas propostas. Cabe destacar que cada uma das séries do ensino fundamental do segundo segmento são estruturadas por ciclos de seis meses de duração, em dois anos o aluno tem a oportunidade de se formar nessa parte do ensino básico.

Sistematização das turmas de EJA do ensino fundamental e os conteúdos obrigatórios de geografia do município:

Grupo IV 1ª fase (6º ano)

¹ Serra (2020, p.41-42) aponta que a EJA é permeada de um perfil variado de trabalhadores e jovens, homens e mulheres de diferentes etnias, preferências hétero ou homoafetivas, religiões, culturas regionais, jovens de favelas e periferias advindos de turmas do período da manhã. Esse segmento educacional é formado por pessoas oprimidas tanto pela sociedade de classes, como pela discriminação religiosa, étnica, de gênero, orientação sexual e pelo lugar onde vivem.

Cartografando o espaço geográfico, Terra no sistema solar: origem e constituição, paisagem humanizada e paisagem natural.

Grupo IV 2ª fase (7º ano)

Zona rural – espaço agrário brasileiro, regionalização geoeconômica.

Grupo V 1ª fase (8º ano)

Cidadania, problemas ambientais urbanos, indústria e sociedade.

Grupo V 2ª fase (9º ano)

Capitalismo e formação do espaço geográfico mundial, os principais blocos econômicos, regionais, globalização.

(SÃO GONÇALO, 2005, p.55).

O documento é bem genérico, não aprofunda no teor dos conteúdos, tampouco expõe o que se pretende do ensino de geografia nas escolas do município, nas demais disciplinas que fazem parte do currículo obrigatório acontece o mesmo. Não que isso seja uma problema, o fato de ele ser amplo nos permite fazer e experimentar muitas coisas em sala de aula com os alunos, apenas expomos como o conteúdo do documento se apresenta para nós. O texto aponta um objetivo geral e alguns objetivos específicos (anexo 1) a serem atingidos com os discentes da educação de jovens e adultos, destaca-se que a disciplina de Orientação Profissional é a única a possuir informações mais detalhadas, tendo destrinchados ao longo do documento tópicos como: relevância da disciplina; objetivo específico e delimitação da função específica. Apesar de ser um documento pouco denso de informações, destacamos aqui o objetivo geral pretendido pelo município quando o assunto é o conhecimento e o aprendizado dos professores e alunos da EJA:

Objetivo Geral do Programa Único de Funcionamento da Educação de Jovens e Adultos - 2º Segmento:

Proporcionar ao aluno uma educação voltada para a formação de cidadãos críticos, buscando adaptações curriculares que permitam um tratamento didático que contemple a complexidade e a dinâmica de questões sociais, viabilizando a participação ativa dos educandos no processo ensino/aprendizagem, potencializando a aplicação da experiência escolar às necessidades e situações da vida. (SÃO GONÇALO, 2005, p. 52).

Apesar de ser um documento defasado de quase duas décadas atrás, ele viabiliza e legitima que os professores promovam aulas, nas condições possíveis, que sejam de fato voltadas para o ensino de conteúdos com grande importância para o cotidiano dos alunos. Buscando aprofundar as discussões que envolvem o currículo na educação brasileira, trazemos as contribuições de Miguel Arroyo em seu livro intitulado “Currículo, território em disputa”(2013). O autor destaca o que tem motivado professores a buscar diferentes maneiras de inovar o seu próprio trabalho, com a premissa de legitimar seus saberes docentes nas disputas que envolvem o campo do currículo, onde aponta:

A motivação é simples: trazer as vivências de educandos e educadores, e suas experiências sociais como objeto de pesquisa, de atenção, de análise e de indagação.

Os conceitos abstratos aparecem distantes das vivências concretas, se tornam estranhos, sem motivação. Logo criar estratégias para trazer aos processos de aprendizagem as vivências pessoais e as experiências sociais tão instigantes na dinâmica política, cultural, que interrogam seu pensar e seu viver. (ARROYO, 2013, p.132).

O autor ainda aponta que é comum ao tratar do currículo² haver uma separação entre experiência social e produção de conhecimento e que isso impacta negativamente na produção de conhecimento escolar, justamente pela indevida atenção à importância do real vivido. A produção de conhecimento, na visão de Arroyo, é feita por pessoas distantes e desconectadas da vida cotidiana do povo comum. Nesse sentido, o povo é incapaz de produzir conhecimento pelo fato de estarem abarrotados de afazeres e obrigações diárias de um cidadão comum, conseqüentemente, não possuem tempo para se dedicar à produção de conhecimentos sofisticados, restando-lhes apenas os saberes das experiências comuns (ARROYO, 2013, p.133).

O pesquisador também traz as palavras de Boaventura de Souza Santos (2008), o qual alerta sobre o quanto a injustiça social corrobora para a injustiça cognitiva e, ao se ignorar as experiências sociais, o mesmo acontece com um dos mais fundamentais fatores do processo de conhecimento que é o trabalho humano. A negação de atenção para as experiências de vida, luta, sociais e de trabalho - não admitindo que são elementos cruciais para a construção de conhecimento - só corrobora para o não reconhecimento da importância das contribuições de professores e alunos na produção de saberes, para um melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (SOUSA SANTOS, 2008 apud ARROYO, 2013).

As condições geográficas ao redor de onde a escola se encontra devem ser levadas em consideração quando tratamos dos conteúdos curriculares. A escola se localiza entre os limites dos bairros Santa Catarina e Engenho Pequeno e possui um ponto de ônibus - o qual boa parte dos alunos desembarcam das duas únicas linhas viárias que fazem o transporte coletivo desse trecho - bem próximo do portão de entrada. Mesmo tendo essa opção de deslocamento urbano próximo, os discentes sofrem com a falta e demora do transporte coletivo quando as aulas acabam. Com um horário de saída às 22h da noite, os ônibus começam a passar em um intervalo de praticamente uma hora, fazendo com que boa parte deles (mulheres, idosos (as), e Pcd's) vá andando tarde da noite para suas residências. A escola em si é uma construção provisória feita de estruturas metálicas montadas e parafusadas, que mostra uma evidente necessidade de manutenção e que, de acordo com as pessoas que trabalham há anos no local, já deveriam ter sido substituídas há pelo menos dez anos. Localizada no sopé do morro do Tamanco, onde existe uma favela construída em sua encosta, a escola fica também muito perto de um rio que está altamente poluído e degradado, sendo corriqueiro a ocorrência de alagamentos na parte mais baixa do morro, atingindo e afetando bastante o local de ensino quando ocorrem chuvas fortes. No final do verão de 2023 a escola sofreu uma grave enchente em decorrência de uma chuva muito intensa, perdendo materiais de aula, equipamentos e dias letivos. Possuímos salas pouco ventiladas, mal conservadas basicamente tendo só o caderno e o quadro branco à nossa disposição para as aulas. Poucas vezes conseguimos imprimir algo que queiramos distribuir para os alunos porque é comum faltar papel, excursões, por exemplo, são possíveis mas ocorrem com muito pouca frequência. Partindo de onde as aulas da EJA são ministradas em São Gonçalo, em que consideramos pautas pertinentes que o local proporciona, destacamos: renda, qualidade de vida, acesso a serviços básicos, de lazer, vulnerabilidade social das pessoas, área de potencial risco ambiental e a dependência química

² Arroyo (2013, p.134) acrescenta que o currículo e a produção de conhecimento historicamente no campo acadêmico e na formação de profissionais é permeado por essa concepção hierarquizante de conhecimento, que tendenciosamente isola e exclui conhecimentos populares historicamente produzidos.

(que é uma questão de saúde pública que, antes de mais nada, perpassa a questão da classe social). Isso é algo realmente sensível de ser tratado mas - diferentemente de uma pessoa abastada que pode usufruir de diversos profissionais qualificados e caros para lidar com algo que afeta negativamente sua qualidade de vida social e mental - a possibilidade de uma pessoa que passa por problemas financeiros de São Gonçalo ter uma assistência pública com atendimento de qualidade é baixa. O município possui uma grande concentração de favelas e com isso ocorre que necessariamente muitas escolas se encontram ou nelas ou próximas. O diversificado público da EJA é permeado por pessoas que foram ou ainda são ligadas à facção criminosa que controla esses territórios, e também de pessoas que estão em constante perigo de vida por estarem próximas de linhas de confrontos das operações promovidas pelas forças de segurança pública do estado, como idosos, jovens de 15 a 20 anos que abandonaram ou repetiram de série por mau comportamento em sala ou que possuem dificuldades de aprendizagem desenvolvidas desde criança, assim como diversos tipos de pessoas com deficiência. Tendo isso em consideração, a presença das trajetórias de vida dos estudantes são importantes de serem levantadas em sala de aula, novamente recuperando as contribuições de Arroyo, destaca-se:

Nas diretrizes e reorientações curriculares falta sociedade, falta dinâmica social, faltam as tensas experiências sociais que nos cercam, que invadem as escolas nas vidas das crianças e dos adolescentes, dos jovens e adultos, dos próprios docentes. Por que tantas diretrizes, reorientações curriculares ignoram que existe tanta vida lá fora e continuam nos lembrando que sua legitimidade vem dos ordenamentos legais? Por que perdura esse estilo das páginas iniciais lembrar de leis, pareceres, resoluções, normas e não partem das tensões sociais que interrogam a sociedade, o Estado, suas instituições, os currículos?
(ARROYO, 2013, p. 136-137).

No capítulo 1 do livro “O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em roda de conversas”, o professor/pesquisador Enio Serra (2020) diz que se quisermos buscar um trabalho pedagógico relevante, é necessário intensificarmos os questionamentos daquilo que ensinamos, quando nos vemos numa posição de obrigação em prosseguir o currículo de modo estrito. O autor enfatiza que é importante questionar a seleção e a organização dos conteúdos, estranhando, analisando, indagando e se interrogando sobre o sentido que eles possuem para este segmento educacional (2020, p. 33).

Voltando às condições geográficas que cercam a escola, é perceptível a influência dos territórios ali geridos pelo crime organizado. As pessoas que compõem esses lugares possuem muitas dificuldades em termos de renda³, desassistidas pelo poder público municipal, estadual e federal, muitos alunos só se alimentam na escola pois em suas casas não possuem a quantidade necessária para toda a família. Uma das poucas coisas que essas pessoas ganham e que podem ser comparadas a um presente, são os itens escolares, uniformes e tênis que são pelo ofertados pelo município para poderem adentrar na escola. Alguns ficam felizes com o

³ Salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 2 salários mínimos, 41º de 92 municípios do estado do RJ (IBGE 2021); População ocupada de 11,07%, 87º entre os 92 municípios do estado do RJ (IBGE 2021); PIB per capita de R\$18.504,81, 88º de 92 municípios do estado do RJ (IBGE 2021); IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) de 4,4, 72º de 92 municípios do estado do RJ (IBGE 2021); Arborização de vias públicas de 34,4%, 82º de 92 municípios do estado do RJ (IBGE 2010); Urbanização de vias públicas de 28,7%, 67º de 92 municípios do estado do RJ (IBGE 2010).

que ganham, outros fazem críticas às qualidades dos materiais, fato é que a prefeitura oferece produtos e alimentos baixa qualidade e que são frutos de processos de superfaturamento⁴.

Levando em conta a disposição do comércio, dos serviços, de como as pessoas costumam se comportar ao andar por ali, todas as questões socioeconômicas, de saúde e segurança pública, tudo tem sua importância direta ou indireta para o funcionamento da escola. O conhecimento da geografia física local é essencial pelo fato de que é uma região cercada por morros com pouquíssimos vestígios da mata atlântica original, onde ocorrem sucessivas queimadas entre meados de maio até o final de setembro. As encostas que são bastante ocupadas por moradias com infraestruturas precárias correm sérios riscos de deslizamentos nos períodos chuvosos que ocorrem do meio de dezembro até o meio de abril. As ruas no entorno da escola são estreitas e possuem uma rede de esgoto e escoamento das águas pluviais e fluviais sem a manutenção necessária, não havendo quase nenhuma árvore nas calçadas públicas, o que faz com que os impactos de um alagamento sejam potencializados. Muitos têm uma dificuldade imensa de escrever e ler⁵, com sérias dificuldades em realizar operações matemáticas consideradas básicas e diversos outros conteúdos que no fim são simplificados pelos docentes ao máximo. Os alunos são copistas e, muitas vezes, não conseguem entender com total clareza aquilo que está sendo escrito do quadro para o caderno, além da deficiência em interpretar e muitas das perguntas sobre a matéria que está sendo lida. O público que compõe as aulas são basicamente os moradores de duas favelas comandadas pela mesma facção bem próximas da escola, a importância que essa instituição de ensino assume ali em poder atender algumas das necessidades minimamente dignas em termos de educação e alimentação, para que nossos alunos tenham a possibilidade de almejar trabalhos que ofereçam salários e respaldos trabalhistas compatíveis com suas demandas diárias, atenuando as dificuldades que os afligem em diversos âmbitos.

Para além das muitas dificuldades socioeconômicas que assolam aquela população, poder se formar na EJA é uma das poucas, se não a única oportunidade de conseguirem se colocar em condições de arrumarem um emprego minimamente digno. É, ao mesmo passo, a possibilidade de deixar de ser analfabeto, de conseguir aprender a ler e entender aquilo que está escrito, de ter discernimento ao ouvir promessas fáceis pelas ruas, de evitar se endividar sem saber as reais condições do negócio a ser concretizado, de assinar um contrato de trabalho sem ter a noção de que está sendo prejudicado. Tudo isso nos leva a refletir sobre o que é importante o aluno saber sobre determinado conteúdo, para que essa contribuição faça o mínimo de diferença no modo de leitura da sociedade, do cotidiano dessas pessoas. Temos a responsabilidade de prepararmos nossos alunos para não serem literalmente “enrolados” nas ruas, ou devemos nos ater a determinados momentos de um grande arcabouço de conteúdo que não vão fazer a mínima diferença prática na vida do aluno? Não há a pretensão de que todo conteúdo abordado em sala tenha um caráter utilitarista, mas nas aulas, sempre na medida do possível, serão destacados recursos, ferramentas e modos de pensar geográficos no exercício diário escolar. Dissertando sobre a abordagem didática dos conteúdos, da seleção e organização do conhecimento escolar, Serra aponta:

⁴ Em publicação feita em 28 de novembro de 2023, o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEPE - RJ) mostra que a prefeitura de São Gonçalo pagou quatro vezes mais na compra de derivado de leite para as creches geridas pelo município.

⁵ Sobre a escolaridade da população adulta de 25 anos ou mais do município, 4,25% eram analfabetos e outros 34,03% com fundamental incompleto e alfabetizados (IBGE 2010); da raça - As taxas de analfabetismo de indígenas (16,1%), pretos (10,1%) e pardos (8,8%) são bem mais altas do que de brancos (4,3%), o índice nacional é menor entre os jovens de 15 a 19 anos (1,5%) e maior entre os idosos com mais de 65 anos (20,3%); o número de não alfabetizados no Brasil é de 11.403.801; São Gonçalo/RJ possui 96,98% da população de 15 anos ou mais alfabetizadas (IBGE 2022).

Essa especificidade deve levar em consideração, entre outros aspectos, os saberes da experiência, a condição de jovem e adulto da classe trabalhadora, o contexto socioespacial, o tempo do trabalho pedagógico. Isso não quer dizer, no entanto, superficialidade e aligeiramento. Em uma perspectiva problematizadora, a superação dialética do pensamento simples em direção à consciência filosófica e ao pensamento crítico e criativo deve ser o principal objetivo a ser atingido. (SERRA, 2020, p. 40).

Conforme os versos do pesquisador, a partir dos anseios, das ideias, dos valores, das culturas e dos locais os quais vivem, podemos extrair oportunidades valiosas de se problematizar pelo viés geográfico todas as ricas falas expressadas pelos nossos alunos ao longo das aulas. Se o currículo, como vimos, é também um lugar de luta sobre como e o que os alunos e professores devem fazer em sala de aula, precisamos mais do que nunca afirmar nossa posição de valorizar o educando através de suas duras vidas e falas, abordando temáticas ligadas à geografia que tenham real proximidade com a realidade dos discentes. Na próxima seção, iremos conjecturar possíveis maneiras e caminhos para que nossos alunos internalizem saberes e conhecimentos que são extremamente pertinentes e com impactos diretos em suas vidas.

3 EJA, CURRÍCULO, GEOGRAFIA E A PERIFERIA DE SÃO GONÇALO (RJ): O QUE AS CONDIÇÕES LOCAIS NOS PERMITE ENSINAR?

Entrando no âmbito do ensino-aprendizagem dos alunos da EJA e partindo para as metodologias envolvendo este trabalho, trazemos as contribuições de Lana de Souza Cavalcanti (1998). No capítulo “Proposições metodológicas para a construção de conceitos geográficos no ensino escolar.”, a autora elenca algumas propostas de se conduzir a aula de modo que o objeto de estudo seja assimilado pelo aluno em um ambiente onde todos são ativos⁶ e participativos no processo de ensino-aprendizagem.

Metodologias ativas apresentadas por Lana Cavalcanti (1998):

- Propiciar atividade mental e física dos alunos.
- Considerar a vivência dos alunos como dimensão do conhecimento.
- Contar com a intervenção do professor no processo de aprendizagem dos alunos.
- Apresentar informações, conceitos e exercitar memorização de dados.
- Promover autorreflexão e sociorreflexão dos alunos.

Versando um pouco mais sobre essas metodologias, no que diz respeito às atividades externas, Cavalcanti (1998) salienta a importância delas na internalização daquilo que está sendo posto em prática a partir da linguagem, com o intuito de que isso fomente as atividades mentais internas, intelectuais e de pensamento do aluno. O ensino, nesse sentido, busca o desenvolvimento intelectual e de instrumentais cognitivos a partir da interação do homem (aluno) com o mundo dos objetos (saber escolar) (CAVALCANTI, 1998, p. 244). Trazendo as contribuições de Goulart (1993 apud CAVALCANTI, 1998, p. 244), a autora elenca instrumentais cognitivos importantes e característicos do ensino de geografia: observação, localização, relação, compreensão, descrição, expressão e representação .

⁶ Cavalcanti (1995 apud CAVALCANTI, 1998, p. 233) traz as ideias de Libâneo sobre o entendimento do socioconstrutivismo no ensino: “É sócio porque compreende a situação de ensino-aprendizagem como uma atividade conjunta, compartilhada, do professor e dos alunos, como uma relação social entre professor e alunos ante o saber escolar. É construtivista porque o aluno constrói, elabora, seus conhecimentos, seus métodos de estudo, sua afetividade, com a ajuda da cultura socialmente elaborada, com a ajuda do professor.”

Na situação em que se encontram esses alunos, não é interessante dar muita margem para uma determinada parte e contexto de um assunto focando num conteúdo muito complexo e extenso, com o intuito deles decorarem, pois, quando estiverem indo embora da aula, pouco ou nada daquilo foi assimilado e teve uma importância significativa na aprendizagem. A aula, no fim, foi basicamente utilizada com o intuito de conseguirem escrever tudo o que foi colocado por escrito no quadro e que isso fosse executado com êxito até o término do tempo de aula. Não que isso não seja importante, afinal como destaca também destaca a autora, ler e escrever aquilo o que foi colocado no quadro é sim parte importante do processo de assimilação daquilo que está sendo discernido pelo aluno (CAVALCANTI, 1998). O desprendimento da atenção acontece simplesmente pelo fato de não estarem, ou não entendendo nada, ou entendendo poucas coisas do que está sendo escrito e falado ali. Muitas tarefas são exigidas pelos professores para que alunos os executem, mas muitas vezes nelas há um descompasso e uma falta real de entendimento do que está sendo pedido. Exercícios de abstrações e imaginações podem não funcionar se o professor canalizá-los em esforços mentais que fogem muito daquilo que possivelmente acham compor o cotidiano desses alunos.

A questão visual tem uma parcela muito importante no aprendizado do aluno que compõe a EJA, pois, o fato deles terem muita dificuldade na leitura e na escrita faz com que o ritmo da aula seja mais lento. Com um público extremamente heterogêneo em termos etários, não é possível exigir que uma adolescente de 16 anos e uma idosa de 70 façam as mesmas tarefas exatamente do mesmo modo. Não é possível conseguir a mesma velocidade e ritmo de aprendizado e ao se abordar os conteúdos de um modo mais devagar, acontece com frequência a falta de tempo hábil para abordar tudo o que gostaríamos com as turmas. Sonia Maria Schneider (2020) no capítulo “Aprendizagem na educação de pessoas jovens, adultas e idosas” expõe a partir de suas pesquisas como o docente tenta conduzir as aulas a partir dessa discrepância de idade entre os discentes:

A tensão entre o modelo de tempo escolar e as diversas temporalidades que jovens, adultos e idosos vivenciam no trabalho, na família e nos modos de viver em uma sociedade grafocêntrica, na escola de EJA, cria um movimento que tende ora para um polo – vivências e experiências de educandos e educandas –, ora para o outro polo – tempo escolar, saberes escolares, modos de aprender escolares, em geral, tendendo ao predomínio do polo representado pelo tempo escolar e pelos saberes e conhecimentos que compõem o currículo escolar. (SCHNEIDER, 2020, p.74).

Um dos conteúdos obrigatórios é a paisagem que, para além de um tema, é um conceito/ferramenta de leitura e análise do mundo extremamente importante de se fomentar nos alunos desde o começo do ciclo do 2º segmento do ensino fundamental. O ideal é que o ato de pensar geograficamente a partir da paisagem vire prática costumeira dos alunos para ajudar no entendimento dos demais conteúdos que virão em outras séries. Cavalcanti (2022) classifica a paisagem como um conceito estruturante da Geografia, e que merece atenção e destaque no ensino geográfico. A autora (2022, p. 50) destaca que o ensino propicia experimentar a paisagem para além do senso comum, com o intuito de que os alunos entendam que ali possui a existência de um espaço geográfico onde se manifestam e interagem diversas formas e conteúdos. Quando é feito um esforço de exercício de imaginação e mentalização⁷, percebe-se que os alunos têm muita dificuldade de lidar com essa ação, pois a construção de imagens, símbolos ou qualquer outra preconceitualização de uma determinada paisagem.

⁷ Cavalcanti diz que a paisagem tende a condicionar a sensibilidade e a percepção da realidade dos sujeitos. A paisagem que compõe a extensão territorial de onde uma pessoa vive está impregnada de signos que expressam valores, modo de vida e práticas daquele local (CAVALCANTI, 2022, p. 49).

Perpassa pela utilização de memórias de fatos vividos e experienciados por diversas expressões socioculturais (escrita, música, dança, filmes, pintura, etc), assim como também pela memória fotográfica de locais que marcam fases das vidas das pessoas desde muito jovens. Tudo isso vai contribuir para aquilo que visualizamos em nossos pensamentos quando nos colocamos nessa situação muito subjetiva que é pensar e imaginar algo (CAVALCANTI, 2022, p. 50).

Com tudo isso colocado, é importante explorar visualmente e fisicamente alguns temas que se mostram pertinentes de acordo com as falas e vivências adquiridas em sala de aula na EJA e também pela demanda de conteúdo que aparece nas conversas com os alunos. Sempre importante buscar reflexões acerca de qualquer tema mostrando imagens, gráficos, mapas, uso do Google Earth, recortes de paisagens e escrever no quadro informações realmente necessárias e com uma linguagem não rebuscada. A construção em sala de trabalhos temáticos (cartazes, mapas, desenhos, etc.) pelos alunos de forma individual e em grupo é algo pertinente porque além de produzirem algo que é um produto final do que foi conversado em sala, ficam felizes de terem conseguido realizar uma tarefa, ficando com esses momentos marcados em suas memórias

Os conteúdos que corriqueiramente aparecem mais nas aulas, primeiramente, relacionados à geografia física são biogeografia, hidrogeografia, clima, solos e relevo. No âmbito humano, o cotidiano da sala de aula tem colocado em evidência temas como população, trabalho, urbanização, industrialização, capitalismo, globalização e geopolítica. Sempre destacamos o Brasil em todas essas temáticas ligadas à geografia escolar, porque uma das pautas principais de conduzir as aulas é aproximar os alunos de questões geográficas a partir dos conhecimentos internalizados inerentes ao cotidiano em que vivem. Isso é uma forma também de lutar pela continuidade, expansão, investimento e afirmação de nossa atuação como docente. Em uma educação voltada aos jovens, adultos e idosos extremamente precarizada em todos os âmbitos, acredita-se que vale o esforço de instrumentalizá-los por meio dos aparatos ligados à geografia, assim como incentivar cognitivamente a raciocinar, também, a partir da perspectiva geográfica. Conforme salienta Serra (2020), nunca houve na história do ensino de jovens e adultos uma preocupação em se pensar propostas curriculares⁸, sendo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o documento oficial norteador do que é traçado como aquilo considerado obrigatório a ser estudado pelos alunos. O currículo obrigatório de geografia de São Gonçalo é extremamente o oposto de como o da BNCC está estruturado e o fato dos temas presentes no documento oficial serem amplos nos garante que haja espaço para fundamentar os ciclos de ensino com o que elencamos de melhor e necessário em relação ao que acreditamos de fato fazer sentido a ser alcançado pelos discentes. É importante não ficarmos canalizando nossas energias em perseguir habilidades da base nacional que são distantes das realidades e também das capacidades cognitivas de muitos alunos que compõem a EJA. Torna-se obrigação acercar esses conteúdos para com as realidades dos alunos trabalhando essas habilidades e fomentando o raciocínio geográfico, instigando-os a entender os motivos das vulnerabilidades ambientais e sociais que os cercam. Especificando sobre o entendimento que temos do que é raciocínio geográfico, tratamos de recuperar ideias presentes no artigo de Sonia Maria Vanzella Castellar e Ronaldo Goulart Duarte (2022) “Raciocínio Geográfico, Pensamento Espacial e Cartografia na Educação Geográfica Brasileira” publicado na revista *Giramundo*. Eles primeiramente destacam como a BNCC classifica esse termo, em que é apontado uma síntese de princípios estabelecidos para

⁸ O pesquisador coloca que historicamente não houveram muitas preocupações em se pensar e em produzir propostas curriculares para esta modalidade de ensino. A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA (DCNEJA), foram feitos os principais movimentos: Proposta Curricular para a EJA (2002), Cadernos de EJA (2007) e o Plano Nacional do Livro Didático para a EJA (2011 e 2014)(SERRA, 2020, p. 35).

essa modalidade cognitiva: analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem (este último com um sentido de arranjo ou padrão espacial) (1997 apud BNCC, 2022, p. 11). Os autores salientam que dentro do arcabouço que engloba o raciocínio geográfico temos o chamado pensamento espacial⁹, que contribui no entendimento de particularidades inerentes às espacialidades de fenômenos passíveis de serem compreendidos pelo viés geográfico. Partindo desse princípio, a geografia é capaz de dar uma melhor compreensão a partir daquilo que oferta em termos de ferramentas, conceitos, categorias e modos de pensar, para melhor entender os sistemas complexos e dialéticos dos objetos e ações (CASTELLAR; DE PAULA, 2020 apud CASTELLAR; DUARTE, 2022, p.18). A verdadeira importância para os educadores reside no fato de que os diversos modos de pensamento espacial não estão fortemente correlacionados. Obter uma alta pontuação em um teste de associação espacial, por exemplo, pode não implicar necessariamente em uma pontuação alta em testes de sequência ou regionalização espacial. Consequentemente, não se pode falar de uma única inteligência espacial. Na realidade, é altamente provável que diferentes alunos possam perceber coisas distintas ao olharem para o mesmo mapa ou uma mesma paisagem, por exemplo. Portanto, é fundamental que nossas abordagens pedagógicas cultivem o pensamento espacial dos alunos no ensino de geografia, a fim de promover o desenvolvimento de variadas habilidades inerentes ao pensamento espacial que estão associados e passíveis de uma análise geográfica. É necessário que o docente estabeleça situações de aprendizagem fundamentadas em estratégias pedagógicas eficazes e alinhadas com o objetivo de estimular o aluno a raciocinar de forma geográfica. É destacado que as metodologias ativas são importantes de serem aplicadas pois abraçam uma visão do processo de ensino e aprendizagem que enfatiza a participação ativa dos alunos na construção de seu próprio conhecimento, valorizando as múltiplas formas pelas quais podem ser envolvidos nesse processo para melhorar seu aprendizado, seguindo seu próprio ritmo e estilo (CASTELLAR; DUARTE, 2022). E para que possamos fazer o exercício de raciocinar geograficamente junto com os alunos precisamos estar munidos de situações geográficas para explorarmos o que queremos, como podemos ver a partir das delimitações feitas pelos autores acerca desse termo:

A situação geográfica condiz a um feixe de eventos em um lugar, território, paisagem ou região, à particularidade de conjuntos e efeitos em decorrência do espaço socialmente produzido. É a manifestação efêmera, que se pode lançar duradoura, de um movimento de totalização, a constituição de condições socioespaciais em um recorte. Isto posto, a situação geográfica coloca o todo enquanto objeto de análise, pressupondo que o raciocínio geográfico não deve estar amarrado em um recorte como parte, mas como fio de união contínuo a processos totais, não havendo, portanto, uma cisão entre o lugar e o mundo. (CASTELLAR; DE PAULA, 2020 apud CASTELLAR; DUARTE, 2022, p. 21)

Precisamos utilizar nosso tempo dentro e fora de sala de aula para que os alunos desenvolvam essa forma de pensar e raciocinar voltadas para as resoluções e entendimentos

⁹ Os autores destacam como a concepção mais completa sobre pensamento espacial a desenvolvida pelo Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos (National Research Council – NRC): Pensamento espacial – um tipo de pensamento – é baseado na amálgama de três elementos: conceitos espaciais, formas de representação e processos de raciocínio. É o conceito de espaço que faz do pensamento espacial uma forma particular de pensamento. Entendendo o significado do espaço, nós podemos usar as suas propriedades (ex: dimensionalidade, continuidade, proximidade e separação) como um veículo para estruturar problemas, para encontrar respostas e para expressar soluções. (CASTELLAR; DUARTE, 2022).

do cotidiano, lugares, territórios e paisagens que os cercam em São Gonçalo (RJ). Indo pela perspectiva ambiental, um dos caminhos que podemos tomar com os alunos é analisar a paisagem que compõe os arredores da escola. Ela apresenta algumas mudanças com as passagens das estações do ano, se no verão a vegetação possui uma cor verde mais viva, pois as chuvas mais intensas e regulares as deixam assim, no período do inverno os morros costumam aparecer com um verde de tonalidade mais opaca, evidenciando a vegetação mais seca devido ao regime de chuvas menos regular e, conseqüentemente, menos água nos solos, proporcionando um ambiente favorável à queimadas, com perda de vegetação nativa e diminuição das áreas onde vivem diversos animais e plantas extremamente importantes para o equilíbrio ecológico. Exercício de descrever a paisagem, o que chama a atenção de cada um no caminho da casa à escola e questionarmos através da geografia os objetos que se tornaram pertinentes ao longo do andar. Salientar para que os alunos percebam algumas nuances das transições das paisagens ao longo das estações do ano. Como a falta da mata atlântica original impacta na qualidade do moradores locais, abrindo oportunidade para que eles façam pesquisas sobre determinadas frutas originárias locais, entendendo o porquê de não conhecermos boa parte das espécies que compõem nosso bioma local e trazer informações sobre modos de utilização e consumo, assim como as propriedades benéficas à nossa saúde.

Excursões também são uma boa alternativa para os alunos saírem um pouco do ambiente escolar e aprender a partir de uma outra perspectiva, muito ligada à questão sensorial do corpo. Além de estarem produzindo e internalizando conhecimentos, são inúmeras as possibilidades de se experienciar uma excursão, seja andando em trilhas, fazendo um piquenique em um parque, ir em um fragmento florestal da Mata Atlântica onde, muitas vezes, eles têm contato pela primeira vez com a fauna e flora originária do bioma local. O bairro do Engenho Pequeno possui uma área de proteção ambiental ao qual há a possibilidade de se fazer excursões com os alunos. Isso é importante para a saúde e o exercício cognitivo, sobretudo, de idosos e PCD's, que vêm compondo com maior frequência nos últimos anos as turmas de EJA. Realizamos idas, por exemplo, para o Teatro Municipal de Niterói a fim assistirem peças e apresentações de dança, para o cinema e outras possíveis formas de ter contato com manifestações culturais e artísticas, temos um leque grande de opções para se fazer pontes com a geografia escolar.

Existe no currículo de geografia do município, por exemplo, o tema Cidadania, o qual temos a oportunidade de trazer algumas situações geográficas, no intuito de instigar os discentes a raciocinar geograficamente. Elencamos algumas possibilidades de se fazer reflexões com os alunos com características geográficas:

Exemplos de questões geográficas:

- Quem tem mais cidadania, quem mora numa casa com estruturas precárias em uma favela de São Gonçalo, ou quem mora em um prédio nobre de Icaraí (bairro de alta renda de Niterói/RJ)?
- Quem tem mais acesso a entretenimentos culturais como o que foi a excursão para o teatro, pessoas de locais periféricos, ou moradores de condomínios da zona sul carioca?

Salienta-se que os alunos comecem a perceber, analisar e refletir a partir dos ensinamentos em sala, sobre o espaço geográfico no qual costumam estarem inseridos. Sempre há um momento em que alguém trará em suas falas algo que pode ser direcionado a um tema pensado pela perspectiva geográfica. Os gatilhos que surgem em sala de aula e tudo mais que é passível de se geografizar a partir dos comentários de alunos são acompanhados

por perguntas que são características da geografia. Não importa o tema, todos são passíveis de se conduzir ao fomento ao raciocínio e ao olhar geográfico por essa perspectiva de ensinar (SCALERCIO, 2018). Para aquilo que é trazido nas turmas, norteamos as discussões com perguntas que são classificadas como tipicamente geográficas:

Exemplos de perguntas típicas da geografia:

- Onde está determinada coisa?
- Por que isso está aqui e aquilo está ali?
- Por que aqui acontece uma coisa e ali acontece outra?
- Por que as coisas no mundo estão dispostas como estão?
- As coisas estão dispostas no espaço geográfico por acaso ou há uma lógica por trás da disposição de tudo que é produzido pelas sociedades humanas?

Esses exemplos de perguntas apresentadas são apenas algumas das muitas possibilidades de questionamentos geográficos que surgem ao buscar com eles o exercício do raciocínio geográfico. Possuímos estruturas escolares muito precarizadas no município, tendo muitas vezes apenas o quadro, o caderno e os celulares (isso quando o sinal de internet funciona) como ferramentas de ensino. Espacializar os fenômenos produzidos pelas pessoas, fomentar a habilidade de articular e entender a conexão dos impactos e possibilidades de atos/ações de pessoas, sociedades e estados nacionais e de fenômenos naturais em diferentes escalas, conforme apontam Gomes (2017), Scalercio (2018) e Cavalcanti (2022). Esses são objetivos de suma importância quando caminhamos nessa proposta de ensino-aprendizagem, onde temos que produzir uma aula junto com os alunos com real significância em suas vidas, baseado nos poucos recursos que a escola oferta e tendo, em primeiro lugar, um profundo respeito por aqueles que comparecem em nossas aulas mesmo tendo gigantescas dificuldades em todos os âmbitos, mas que mesmo assim possuem força e vontade para aprender.

4 CONCLUSÕES

O caminho para a construção de condições minimamente dignas de ensino, sobretudo em locais periféricos, ainda é longo, tortuoso, demorado e com muitas adversidades. No que tange ao ensino de jovens, adultos e idosos, temos um aumento da despreocupação com este segmento educacional ao longo da última década. Com uma escalada da deterioração dos patrimônios escolares públicos, assim como dos atores sociais envolvidos neste espaço geográfico dedicado à produção de conhecimento, reconhecemos que os anos de vida longe dos estudos e da escola têm um considerável peso em como conduzimos uma aula.

É necessário e urgente investimentos do poder municipal para com suas escolas. Precisamos valorizar as falas de nossos alunos, pois os mesmos são muito pouco ouvidos e invisibilizados pelos atores políticos e pelas parcelas mais abastadas da sociedade, necessitamos abrir espaços nas aulas para que eles se expressem. Suas palavras são fundamentais para fazermos pontes e conexões com os conteúdos obrigatórios do currículo, o saber popular de um aluno dá inúmeras possibilidades de aprofundarmos discussões extremamente pertinentes para o campo de ensino da geografia escolar, através do fomento do olhar e do raciocínio geográfico.

É muito importante que nossos alunos desenvolvam determinadas habilidades que estão na alçada do currículo de geografia e que possuem conexões diretas com as necessidades que costumeiramente enxergamos e lidamos na educação de jovens, adultos e idosos. Perseguimos o ato de imaginar, mobilizando o cognitivo dos alunos para que

entendam que tudo o que está inserido no espaço geográfico tem uma história, um motivo, um significado e uma condicionante que impactam na disposição e circulação de tudo e todos. É um caminho metodológico que acima de querer abordar o conteúdo de um modo estritamente textual, procura instigar aos alunos a pensarem não só apenas nas coisas que acontecem ao seu redor e sim naquilo que pode estar longe e perto, que é possível enxergar ou não, e que têm impacto direto em suas vidas.

Lidar com outras faculdades mentais e cognitivas é parte importante do processo de ensino-aprendizagem de jovens, adultos e idosos visto a grande defasagem na escrita e na leitura, assim como exercitar os olhos através da leitura da paisagem e por meio de exercícios físicos como é o caso de uma excursão para uma área de proteção ambiental, pedir para que eles escrevam ou desenhem aquilo que os chamou a atenção, elaborar nossos próprios mapas e representações cartográficas nas aulas, todos os sentidos do corpo são utilizados para percebermos e entendermos os ambientes em que estamos inseridos e que conseqüentemente estudamos.

O ensino de geografia para este segmento busca também a reconexão com a natureza, com poucos fragmentos florestais no município, é importante conhecer os elementos e processos relacionados à geografia física que tem influência direta no cotidiano daquelas pessoas. Elucidando as origens, processos e motivos para os problemas ambientais e de infraestrutura urbana que atuam negativamente na vida dessas pessoas, a intenção é deixar claro a omissão de responsabilidade das autoridades públicas, já que muitas vezes ouvem que os culpados para esses problemas são eles próprios, justamente aqueles que compõem o recorte populacional mais pobre e marginalizado.

O Brasil possui uma parcela grande da população brasileira trabalhando em empregos informais, precarizados e de mal-remuneração¹⁰, com muitas crianças e adolescentes evadindo o período escolar. Estamos diante de um crescimento alarmante de pessoas que se encontram numa idade economicamente ativa e que não estão sendo alocadas em empregos pelo governo brasileiro em trabalhos estratégicos e fundamentais para o desenvolvimento socioeconômico do país, como a construção civil, industrialização, saúde, educação, pesquisa e desenvolvimento. Nesse sentido, a EJA e o ensino de geografia se tornam peças fundamentais para que esta parcela importante da população brasileira seja preparada para o aumento da cadeia de complexidade produtiva que vislumbramos para o futuro deste país.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 471p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella, DUARTE, Ronaldo Goulart. **Raciocínio geográfico, pensamento espacial e cartografia na educação geográfica brasileira**. Giramundo, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p. 7-24, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33025/grgcp2.v9i18.3833>. Acesso em: 07 nov. 2023.

¹⁰ Segundo o IBGE, o Brasil registrou 39 milhões de trabalhadores informais no 3º trimestre de 2023, o número equivale a 39,1% da população ocupada do país.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2023 do IBGE mostram que quase 400 mil (5,4%) crianças e jovens de 6 a 14 anos não estavam frequentando o ensino fundamental em 2023; já no ensino médio, 9 milhões de estudantes não conseguiram terminá-lo no Brasil; 41,7% dos jovens entre 14 e 29 anos abandonaram a escola pela necessidade de trabalhar na sequência, aparece a falta de interesse nos estudos, com 23,5%.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos (Portuguese Edition)**. Papirus: Campinas, SP: 1998. Edição do Kindle, 327 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Olhar a paisagem com a mediação do pensamento geográfico**. REIDICS. Revista de Investigación en Didáctica de las Ciencias Sociales, v. 10, p. 42-58, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17398/2531-0968.10.42>. Acesso em: 07 nov. 2023.

DA SILVA, Camila. **Abandono escolar atinge recorde histórico entre crianças e adolescentes do Ensino Fundamental, mostra IBGE**. Carta Capital, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/abandono-escolar-atinge-recorde-historico-entre-criancas-e-adolescentes-do-ensino-fundamental-mostra-ibge/>. Acesso em: 26 maio 2024.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar** / Paulo Cesar da Costa Gomes. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. Edição do Kindle, 172 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

QUEIROZ, VITÓRIA. **Brasil registra 39 milhões de trabalhadores informais**. Poder 360, 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/brasil-registra-39-milhoes-de-trabalhadores-informais/>. Acesso em: 26 maio 2024.

RUMMERT, Sonia Maria (Org.). **Educação de jovens e adultos trabalhadores: história, lutas e direito em risco**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019. p.163-188.
SÃO GONÇALO. **Mapas e bairros**. Prefeitura Municipal de São Gonçalo. Sem ano. Disponível em: <https://www.saogoncalo.rj.gov.br/sao-goncalo/mapas-e-bairros>. Acesso em: 07 nov. 2023.

SÃO GONÇALO. **Programa Único de Funcionamento da Educação de Jovens e Adultos (PUF) - 2º Segmento da Rede Pública de Ensino do Município de São Gonçalo**. Prefeitura Municipal de São Gonçalo; Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte, Lazer e Turismo; Subsecretaria de Educação; Superintendência de Educação; Coordenação da Educação de Jovens e Adultos. São Gonçalo – Novembro de 2005. 73p.

SÃO GONÇALO. **Prefeitura de São Gonçalo mantém inscrições para EJA**. Prefeitura Municipal de São Gonçalo. 2023. Disponível em: <https://www.saogoncalo.rj.gov.br/prefeitura-de-sao-goncalo-mantem-inscricoes-para-eja>. Acesso em: 07 nov. 2023.

SCALERCIO, Vitor. **Ensino de Geografia e Pensamento Espacial: reflexões epistemológicas e a atividade de pesquisa do LENpGEO**. Giramundo, Rio de Janeiro., v. 5, n. 10, p. 57-71, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.33025/grgcp2.v5i10.2492>. Acesso em: 07 nov. 2023.

SCHNEIDER, Sonia Maria. **Aprendizagem na educação de pessoas jovens, adultas e idosas**. In: FERNANDES, Andrea da Paixão; LOPES, Paula Cid (Org.). **O cotidiano escolar**

de crianças, jovens e adultos em rodas de conversas /1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. p.69-84. ePub.

SERRA, Enio; VENTURA, Jaqueline; ALVARENGA, Marcia; REGUERA, Emílio. **Interrogando o direito à educação: oferta e demanda por Educação de Jovens e Adultos no estado do Rio de Janeiro**. *Crítica Educativa*, v. 3, n.3, p. 25-41, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22476/revcted.v3i3.243>. Acesso em: 07 nov. 2023.

SERRA, Enio. **Currículo e cotidiano da Educação de Jovens e Adultos**. In: FERNANDES, Andrea da Paixão; LOPES, Paula Cid (Org.). **O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em rodas de conversas**. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. p.31-50.ePub.

SERRA, Enio. **Trajetórias do currículo de geografia que se ensina a jovens e adultos trabalhadores**. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 1 , n. 1, p. 45-54 , jan./jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.33025/grgcp2.v1i1.6>. Acesso em: 07 nov. 2023.

SINDICATO ESTADUAL DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Escândalo: prefeitura de São Gonçalo pagou quatro vezes mais na compra de derivado de leite para creches**. Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio De Janeiro. 2023. Disponível em: <https://seperj.org.br/escandalo-prefeitura-de-sao-goncalo-pagou-quatro-vezes-mais-na-compra-de-derivado-de-leite-para-creches>. Acesso em: 18 maio 2024.

ANEXO 1 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PROGRAMA ÚNICO DE FUNCIONAMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (PUF) - 2º SEGMENTO DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO. PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO

Levar os estudantes a se perceberem enquanto sujeito transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;

Levar os estudantes a refletirem sobre valores éticos de modo a posicionarem-se contra qualquer discriminação baseada em diferentes culturas, de classes sociais, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;

Levar os estudantes a utilizarem o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas, de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais;

Desenvolver o autoconhecimento dos estudantes, incentivando sentimento de confiança em suas potencialidades afetiva, física, cognitiva, ética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;

Proporcionar subsídios que leve o estudante a produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, através de diversos meios, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

Orientar os estudantes a utilizarem diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;

Capacitar os estudantes a realizarem análise crítica da realidade, utilizando o pensamento lógico, criatividade e intuição, relacionando procedimentos e verificando sua adequação.

(SÃO GONÇALO, 2005, p.52-53).

ANEXO 2 – MAPA DAS UNIDADES ESCOLARES QUE ATENDEM A EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS E IDOSOS EM SÃO GONÇALO (RJ)

Mapa das escolas municipais de São Gonçalo/RJ com a Educação de Jovens Adultos e Idosos



LEGENDA DO MAPA:

- 1 - Colégio Municipal Presidente Castello Branco – Boaçu
- 2 - Colégio Municipal Ernani Faria – Neves
- 3 - Colégio Municipal Estephânia de Carvalho – Laranjal
- 4 - Escola Municipal Almirante Alfredo Carlos Soares Dutra – Alcântara
- 5 - Colégio Municipal Amaral Peixoto – Lindo Parque
- 6 - Escola Municipal Irene Barbosa Ornellas – Jardim Catarina
- 7 - Escola Municipal José Manna Júnior – Nova Cidade
- 8 - Escola Municipal Leonor Corrêa – Trindade
- 9 - Escola Municipal Luiz Gonzaga- Antonina
- 10 - Escola Municipal Prefeito Nicanor Ferreira Nunes – Jardim Catarina
- 11 - Escola Municipal Aurelina Dias Cavalcanti – Amendoeira
- 12 - Escola Municipal Maria Eulália Conceição de Oliveira Maciel – Raul Veiga
- 13 - Escola Municipal Visconde de Sepetiba – Nova Cidade
- 14 - Escola Estadual Municipalizada Guaxindiba – Guaxindiba
- 15 - Escola Municipal Mario Quintana – Engenho Pequeno
- 16 - Escola Municipal Anísio Spínola Teixeira – Santa Luzia
- 17 - Escola Municipal João Cabral de Mello Netto – Vista Alegre
- 18 - Escola Municipal Célia Pereira da Rosa – Santa Izabel
- 19 - Escola Municipal Pastor Haroldo Gomes – Itaúna

ANEXO 3 – MAPA DOS BAIRROS DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO/RJ.

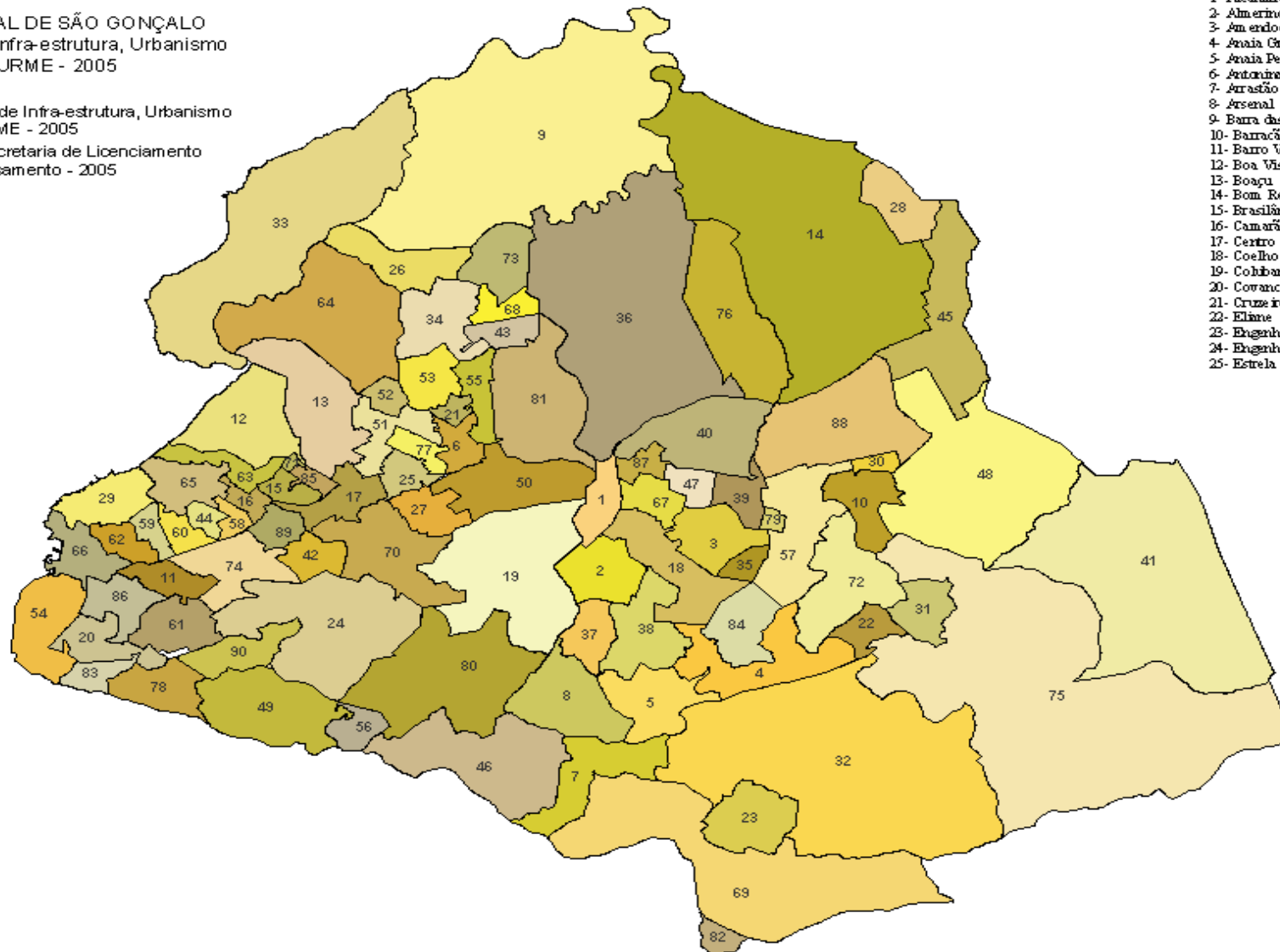
Bairros - 2005

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO
Secretaria Municipal de Infra-estrutura, Urbanismo
e Meio Ambiente - SEMIURME - 2005

Escala: 1:110.000

Fonte: Secretaria Municipal de Infra-estrutura, Urbanismo
e Meio Ambiente - SEMIURME - 2005

Elaboração: PMSG - Subsecretaria de Licenciamento
e Fiscalização / Geoprocessamento - 2005



- | | |
|------------------------|---------------------------|
| 1- Alcântara | 26- Fazenda do Mineiros |
| 2- Almerinda | 27- Galo Branco |
| 3- Amendoeira | 28- Gebara |
| 4- Anália Grande | 29- Gradim |
| 5- Anália Pequena | 30- Guarani |
| 6- Antonina | 31- Ieda |
| 7- Arcação | 32- Ipiba |
| 8- Arsenal | 33- Itaoca |
| 9- Barra das Palmeiras | 34- Itauna |
| 10- Barracão | 35- Jardim Amendoeira |
| 11- Barro Vermelho | 36- Jardim Catarina |
| 12- Boa Vista | 37- Jardim Nova República |
| 13- Boapu | 38- Jockey |
| 14- Bom Retiro | 39- Lagoinha |
| 15- Brasilândia | 40- Laranjal |
| 16- Camarão | 41- Largo da Idéia |
| 17- Centro | 42- Lindo Parque |
| 18- Coelho | 43- Luiz Caçador |
| 19- Cohabandê | 44- Mangueira |
| 20- Covanca | 45- Marambaia |
| 21- Cruzeiro do Sul | 46- Maria Paula |
| 22- Elãne | 47- Mirambi |
| 23- Engenho do Roçado | 48- Mirajoles |
| 24- Engenho Pequeno | 49- Morro do Castro |
| 25- Estrela do Norte | 50- Mutando |
| | 51- Mutuá |
| | 52- Mutunanguçu |
| | 53- Mutunapira |
| | 54- Neves |
| | 55- Nova Cidade |
| | 56- Novo Místico |
| | 57- Pacheco |
| | 58- Parada 40 |
| | 59- Paraíso |
| | 60- Patronato |
| | 61- Pita |
| | 62- Porto da Madama |
| | 63- Porto da Pedra |
| | 64- Porto do Rosa |
| | 65- Porto Novo |
| | 66- Porto Velho |
| | 67- Raul Veiga |
| | 68- Recanto das Acácias |
| | 69- Rio do Ouro |
| | 70- Rocha |
| | 71- Rosane |
| | 72- Sacramento |
| | 73- Salgueiro |
| | 74- Santa Catarina |
| | 75- Santa Isabel |
| | 76- Santa Luzia |
| | 77- São Miguel |
| | 78- Tenente Jardim |
| | 79- Tiradentes |
| | 80- Tribobó |
| | 81- Trindade |
| | 82- Varzea das Moças |
| | 83- Venceda Cruz |
| | 84- Vila Candosa |
| | 85- Vila Iara |
| | 86- Vila Lage |
| | 87- Vila Três |
| | 88- Vista Alegre |
| | 89- Zé Garoto |
| | 90- Zumbi |

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores da pós-graduação de geografia, em especial a Stella e ao Demian pelo tempo dedicado a me ajudar em todo o processo.

Agradeço a minha companheira Priscila por todos os momentos ao meu lado, nas fases boas e ruins das atribuições do dia a dia.

Agradeço a toda a minha família, em especial meu sobrinho Bento por entender os momentos em que não pude estar ao seu lado para jogar futebol.